

DOI: <https://doi.org/10.5902/2236672594861>

## **Percursos de pesquisa sociológica e vivências de classe**

*Paths of sociological research and experiences of class*

*Parcours de recherche sociologique et expériences de classe*

*Trayectoria de investigación sociológica y experiencias de clase*

 **Laura Senna Ferreira**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

**Resumo** | No presente artigo, a partir da discussão sobre percursos de pesquisas, reflete-se sobre os dilemas que envolvem as vivências acadêmicas, de gênero e de classe. O texto apresenta os esforços para uma compreensão crítica dos caminhos investigativos e das tradições metodológicas. De uma pesquisa de mestrado com mulheres na indústria de conservas de frutas e hortaliças na qual se estudou os processos de reestruturação produtiva, na cidade de Pelotas/RS, para uma pesquisa de doutorado com homens que atuam nos serviços automotivos, na cidade de Porto Alegre/RS, na qual se discutiu os dramas que envolvem os velhos e novos desenhos identitários de um ofício, ambos estudos abordaram os impactos das mudanças laborais e os desafios compreensivos postos à Sociologia do trabalho. Considerando as narrativas e memórias, buscou-se compreender o universo de significados dos “de baixo”, os conflitos e as contradições sociais.

**Palavras-chaves:** percursos de pesquisa; vivências acadêmicas; conflitos; gênero; classe social.

**Abstract:** The present article, based on the discussion about research paths, reflects on the dilemmas involving academic, gender, and class experiences. The text presents efforts for a critical understanding of investigative paths and methodological traditions. From a master's research with women in the fruit and vegetable canning industry, which studied the processes of productive restructuring in the city of Pelotas/RS, to a doctoral research with men working in automotive services in the city of Porto Alegre/RS, which discussed the dramas involving the old and new identity shapes of a profession, both studies addressed the impacts of labor changes and the comprehensive challenges posed to the sociology of work. Considering the narratives and memories, the aim was to understand the universe of meanings of the "lowly ones", the conflicts and social contradictions.

**Keywords:** research paths; academic experiences; conflicts; gender; social class.

**Résumé:** Dans cet article, à partir d'une discussion sur les parcours de recherche, il s'agit de réfléchir aux dilemmes qui entourent les expériences académiques, de genre et de classe. Le texte présente un effort de compréhension critique des trajectoires d'investigation et des traditions méthodologiques. D'une recherche de master avec des femmes dans l'industrie des conserves de fruits et légumes, où les processus de restructuration productive ont été étudiés, dans la ville de Pelotas/RS, à une recherche de doctorat avec des hommes travaillant dans les services automobiles, dans la ville de Porto Alegre/RS, où les drames liés aux vieilles et nouvelles constructions identitaires d'un métier ont été discutés, les deux études ont abordé les impacts des changements du travail et les défis compréhensifs posés à la sociologie du travail. En considérant les récits et les mémoires, il s'est agi de saisir l'univers symbolique des "gens d'en bas", les conflits et les contradictions sociales.

**Mots-clés:** voies de recherche; expériences académiques; conflits; genre; classe sociale.

**Resumen:** En este artículo, a partir de la discusión sobre trayectorias de investigación, se reflexiona sobre los dilemas que involucran las experiencias académicas, de género y de clase. El texto presenta los esfuerzos para una comprensión crítica de los caminos investigativos y de las tradiciones metodológicas. De una investigación de maestría con mujeres en la industria de conservas de frutas y hortalizas, en la que se estudiaron los procesos de reestructuración productiva, en la ciudad de Pelotas/RS, para una investigación de doctorado con hombres que trabajan en los servicios automotrices, en la ciudad de Porto Alegre/RS, en la que se discutieron los dramas que involucran los viejos y nuevos diseños identitarios de un oficio, ambos estudios abordaron los impactos de los cambios laborales y los desafíos comprensivos planteados a la Sociología del trabajo. Considerando las narrativas y memorias, se buscó comprender el universo de significados de los "de abajo", los conflictos y las contradicciones sociales.

**Palabras clave:** trayectorias de investigación; vivencias académicas; conflictos; género; clase social.

## Introdução

Entre uma dissertação e uma tese, muitos aspectos transformam-se nos contextos político, econômico, acadêmico e na vida de uma pesquisadora. Neste momento (2024), passados 15 anos da defesa da dissertação (2008) e 11 da defesa da tese (2013), escoou-se um lapso de tempo, que envolve contextos social e individual significativamente distintos.

O campo de pesquisa da dissertação, iniciada em 2006, sob orientação da Profa. Dra. Maria Soledad Etcheverry, da UFSC, concentrou-se na cidade de Pelotas, no interior do Rio Grande do Sul. Tratou-se de um estudo sobre mulheres operárias da indústria de conservas de frutas e de hortaliças da cidade, e envolveu um sindicato politizado (o Sticap), que liderou greves históricas do setor. A indústria das conservas lida com fruta, com soda e com uma série de elementos insalubres. Na busca por compreender os processos de reestruturação produtiva do segmento, lançou-se mão de um estudo de cadeia produtiva, envolvendo a reflexão sobre a coexistência do velho e do novo no contexto das singularidades latina e brasileira. A dissertação versou sobre aspectos diversos: as condições de trabalho; os sindicatos e suas resistências; e as sociabilidades laborais de uma classe trabalhadora da periferia, a que se associavam modos de vida, linguagens, estilos e interesses específicos. Tais aspectos fizeram parte do caldo de análise dos processos de racionalização, que foram o mote de um discurso voltado à modernização, ao progresso e ao desenvolvimento.

As/os interlocutoras/es daquele estudo ensinaram muito à pesquisadora. Uma pesquisa, na qual se estudou a/na periferia e se escreveu na periferia – pesquisar lá e escrever lá, para parafrasear Geertz (2002), embora num sentido um tanto diferente –, num cenário entre a fábrica, a casa, a periferia e a academia. Entre os lugares de origem da pesquisa e da pesquisadora (Pelotas e UFPel) e o outro território (Florianópolis e UFSC), mudaram a cidade, a instituição e a dimensão do campo acadêmico. E se escreveu entre as cidades, entre as instituições e entre a vida e a morte – da própria mãe, ocorrida em 2008 –, sofrimento que não cabe no texto acadêmico, o qual se supõe que seja escrito com tinta, e não com lágrimas; lágrimas aquelas de que se sabe, sobretudo das mulheres, das mães, das negras, das indígenas, das trans, das lésbicas, e das outras, que não se publicam no Currículo Lattes.

Na tese, iniciada em 2009, Porto Alegre foi o cenário; uma pesquisa de campo na capital gaúcha, sob orientação do Prof. Dr. José Ricardo Ramalho, da UFRJ, em que se tratou de estudar sobre um ofício de homens (os mecânicos), em meio às oficinas, aos motores e às graxas. Já não se abordava mais mulheres, maquinarias e grandes indústrias, como no caso da dissertação, mas o setor de serviços. Saem de cena as grandes greves, para darem espaço à dificuldade do sindicato dos metalúrgicos, que se vê estrangido pelo sindicato patronal, num contexto em que os trabalhadores se identificavam ora com um (patronal), ora com outro (laboral). Destacaram-se preocupações com as identidades laborais, com os saberes do trabalho e com o empreendedorismo. Foi decisivo considerar o mote moderno *versus* tradicional (“oficina-casa” *versus* “oficina-empresa”), a desclassificação da categoria, os estigmas e as hierarquias sociais no esforço de cercar o objeto.

A escrita – a maior parte composta na periferia e sobre a periferia, mais uma vez – ocorreu entre Porto Alegre, Rio de Janeiro e Durham (na *Duke University*, sob orientação do Prof. Dr. John French, durante o doutorado sanduíche). O texto da tese foi sendo construído entre diferentes lugares, instituições, estéticas e temperaturas. E num contexto político que, às vésperas da defesa da tese, seria marcado pelas Jornadas de Junho de 2013.

A defesa da dissertação aconteceu em 2008, durante o governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, e a escrita final da tese ocorreu durante o governo da presidenta Dilma Rousseff (em 2013), que, em 2016, sofreu um *impeachment*, em decorrência de um golpe de Estado.

Tanto na pesquisa da dissertação quanto na da tese, tornou-se relevante refletir sobre o lugar comum de classe dos/as envolvidos/as (pesquisados/as e pesquisadora) e, no caso da pesquisa de mestrado, as vivências comuns, em termos de gênero. A matéria-prima que constitui os sujeitos de um estudo altera o conteúdo do que é dito, como se pode inferir de Florestan Fernandes (1994) no texto *Intelectual Militante* e das reflexões tecidas por Heleieth Saffiotti (de 2013), a partir da discussão sobre as marcas sociais que cruzam as mulheres de classes populares. Logo, era preciso estranhar elementos da própria vivência da pesquisadora, dar nomes sociológicos aos dramas e às violências vividas e entender que a Sociologia espontânea, aquela realizada pelos sociólogos em primeira mão, dialoga, diverge, aproxima e/ou rompe com a Sociologia profissional, em seu encontro com esta.

Fernandes (1994) lembra dos movimentos de estar lá e cá no campo acadêmico e na periferia, de circular nos submundos, de conhecer o companheirismo dos “de baixo”, de transitar pelas Ciências Sociais, de sentir na própria pele e de aprender com as pessoas de vidas sofridas. Sua forma de pensar e sua vida, na condição de intelectual militante, foi uma vivência na travessia. Eis as contribuições deste autor e de sua insubstituível experiência de vida.

As classes populares têm experiências singulares em todos os aspectos, e estas vivências não nos eram estranhas; inclusive, havia um reconhecimento recíproco, no que toca à posição social, o que significou uma abertura e potencializou determinados diálogos e confissões, durante o percurso destes estudos. Presa em minha classe e em algumas roupas de lã (como em *A flor e a náusea*, de Carlos Drummond de Andrade), entre dois mundos tão distintos (o acadêmico e o da periferia), vinculados pela vida e pela memória, estar na travessia levou a contextos e a espaços de tomada de posição, ao contrário do que se supõe numa epistemologia da neutralidade, a qual, se é uma possibilidade teórica, revela-se uma incoerência prática.

Nas andanças da pesquisa, fui ensinada a perceber ênfases, pelas/os interlocutoras/es, e, em diálogo, produzir uma nova leitura do mundo. No curso destas pesquisas, havia um pensamento frequente: será preciso fazer ver, ouvir e sentir o relato do que aconteceu, procurando, tateando as palavras, para expressar vivências complexas, o que faz com que pesquisadores/as e poetas vivenciem dilemas e sentimentos de inquietude semelhantes: as palavras prontas precisam ser espremidas para traduzir o que necessita ser dito. Foi por motivos como este que Manuel de Barros precisou criar novas palavras/expressões, como na obra *Um livro sobre nada*.

Aprender a compreender os silêncios e as omissões e a ver a realidade como um processo em processo (quer dizer, em movimento e em contradição) é buscar ir além da experiência imediata – que revela e que oculta – e compreender as múltiplas determinações dos fenômenos, dentro da intenção de conhecer o que permanece, as constâncias do real. Mais do que isso: sobretudo, expressam-se as intenções científica e política, para entender o que se transforma, o que muda, e o movimento e as lutas dos sujeitos históricos nos seus contextos. A ordem social é problemática, em razão da relação e da tensão que há entre indivíduo e sociedade, que não são iguais (a Sociologia existe, afinal), despertando um profundo interesse em compreender a mudança social.

A tese objetivista nos permite entender as constâncias, a coincidência que ocorre, mediada pela socialização, entre os indivíduos, as suas inclinações e os interesses da sociedade. A tese subjetivista foca mais nos microprocessos. Nem um ponto, nem o outro bastam em si mesmos; é importante analisar a dinâmica, que permite compreender, tanto a reprodução quanto a transformação da vida. Nesse aspecto, para Bourdieu (1990), o espaço social é composto por campos, que remetem à luta política/transformação, e por *habitus*, que são os esquemas ao mesmo tempo duráveis e flexíveis. Assim, ao longo das pesquisas, não faltaram esforços/tentativas de ir além de interpretações unilaterais, buscando imbricações e sínteses.

As pesquisas nas Ciências Sociais começam com o estranhamento e com a desconstrução de estereótipos. A dedicação a uma investigação requer aprender a escutar e a levar o interlocutor profundamente a sério, buscando compreender os significados das suas falas e das suas ações. Ao longo dos estudos, sistematizam-se dados, compara-se, confronta-se, relaciona-se com a literatura, assume-se a difícil tarefa analítica de compreender as vivências do outro, sem atribuir a ela/ele a exclusividade da tarefa analítica, mas propondo uma articulação entre os olhares sociológicos e os olhares dos/as interlocutoras/es – um horizonte pedagógico e democrático freiriano, que contribui muito para o traçado da pesquisa.

O fazer sociológico requer uma artesanaria, buscando unir itens aparentemente isolados, para descobrir suas ligações: “como ocorrem as ideias? Como é a imaginação estimulada a colocar juntos todas as imagens e fatos, a torná-las relevantes e dar sentido a eles... chegar a alguma coisa de novo” (Mills, 1975, p.227). Esse fazer sociológico exige que possamos ser “um bom artesão: evitemos qualquer norma de procedimento rígida... busquemos desenvolver e usar a imaginação sociológica. Evitemos o fetichismo do método e da técnica” (ibidem, p.240). Igualmente, a respeito do fetichismo da teoria, “temos dificuldade em aplicar conceitos a casos reais de fenômenos sociais: eles de certo modo se ajustam, mas não exatamente” (Becker, 2007, p.167), quer dizer, “muitos dos nossos casos não funcionam como a teoria diz” (ibidem, p.170). Todavia, apesar das contradições, o esforço de pesquisa é precisamente este: com base em métodos, em técnicas, em conceitos e em teorias, busca-se boas aproximações com a realidade da vida das pessoas, “ainda que de forma incompleta, imperfeita e insatisfatória” (Minayo, 1992, p.15). As experiências – e os relatos acerca destas – transmitem representações, sentimentos e emoções, que transcendem o caráter individual, para se inserir numa história coletiva.

Os caracteres das experiências e dos testemunhos envolveram a pesquisadora nas tramas relatadas. No caso da pesquisa de dissertação, safristas e sindicalistas relataram situações de assédios sexual e moral por elas vividas. Os mecânicos, por sua vez, relataram histórias de humilhações – como o preconceito por terem que circular pela cidade sujos de graxa, por exemplo. Tais relatos de vivências periféricas foram transmitidas à pesquisadora também como formas de desabafo, de indignação e de denúncia.

A Sociologia elege seu próprio fazer sociológico como objeto, refletindo sobre opções e sobre caminhos neste mundo social, que é o campo científico (Bourdieu, 2022, p.144), indo além, portanto, da adesão tácita a pressupostos indiscutidos, buscando acordos mais explícitos sobre os objetos e sobre os procedimentos presentes no funcionamento do campo. Busca-se explicar critérios e justificar escolhas, o que faz com que cada ato de fala colhido na pesquisa seja alvo de vigilância epistêmica e de algum tipo de enquadramento teórico-epistemológico, o que envolve os pressupostos presentes na relação entre sujeito e objeto e os tipos de perguntas que serão feitas.

Nos casos das referidas dissertação e tese, o que se almejou foi uma versão sociológica de uma história a contrapelo (Benjamin, 1985), visando a compreender as perspectivas da inércia, da reprodução, da circularidade, do eterno retorno do mesmo *versus* mudança, contrariedade, disrupção e contradição. A Ciência é um empreendimento coletivo, portanto é preciso lidar com a frustração de querer tratar sobre tudo, mas conseguir abordar apenas uma parte. Ainda assim, essa parte pode ser entendida como uma síntese, quer dizer, como um complexo de múltiplas determinações.

Não é simples partir de uma perspectiva “a contrapelo” e ter que lidar com as hegemonias presentes no campo acadêmico – os estudantes de Ciências Sociais sentem/sofrem com isso logo nos primeiros semestres – e, mesmo, com os constrangimentos que decorrem de determinadas opções teóricas e metodológicas, que podem vir nas formas de piadas, de risos, de humilhações e de não reconhecimento. Os contextos históricos e políticos de uma época podem reforçar esta possibilidade/risco latente presente no “campo acadêmico” (Bourdieu, 2011b).

Tanto na dissertação quanto na tese, havia uma busca por evitar o pêndulo artificial entre materialismo e idealismo, entre macro e micro, entre objetivismo e subjetivismo, buscando uma alternativa dialética para abarcar as estruturas e as suas coações, bem como os conflitos e as resistências, sobretudo as lutas cotidianas, buscando pensar de modo relacional (Bourdieu, 1990). Para Bourdieu (*ibidem*, p. 157), é preciso compreender que “[os] agentes certamente têm uma apreensão ativa do mundo. Certamente constroem sua visão de mundo. Mas essa construção é operada sob coações estruturais”. A visão microssociológica olha a árvore muito de perto e esquece da floresta, ignorando: 1) que a percepção ou construção da realidade está submetida a coações sociais; que 2) “as estruturas estruturantes, as estruturas cognitivas, também são socialmente estruturadas, porque têm uma gênese social” (*ibidem*, p.158); e 3) que a construção da realidade não é somente um empreendimento individual. Compreender os fenômenos nessa travessia sempre foi o objetivo das pesquisas de mestrado e de doutorado. Todavia há um alto custo nisto, uma vez que é preciso abarcar ambas as dimensões, quando o mais imediatamente acessível seria



abordar o ponto de vista mais estrutural ou o ponto de vista mais micro. Esse dilema e a decisão de não abrir mão da tentativa de buscar essa articulação é uma disposição teórica e, também, política, ou seja, uma escolha pelo ponto de vista da contradição.

Trata-se de partir do movimento de transformação permanente, do fluxo da história da ação humana, que muda as práticas, as ideologias, as utopias e as visões de mundo. Por mais estrutural que possa ser, essa transformação guarda sua historicidade, como indica o horizonte da transitoriedade do ponto de vista do método dialético, que requer pensar a totalidade, no sentido de recortar um aspecto, sem perder de vista a relação que tal estabelece com o seu conjunto e com “aspectos sociais, econômicos, políticos, de classes sociais etc.” (Löwy, 1989, p.17).

Tratou-se, portanto, de um esforço de fazer pesquisa no intervalo entre o passado e o presente, o velho e o novo, como uma estratégia para compreender sociologicamente a historicidade e a transitoriedade dos processos.

Um dos mais belos textos da Sociologia talvez seja *Mozart*, de Norbert Elias (1994), no qual, com base em um estudo de caso sobre a biografia do músico, o sociólogo busca entender os grupos e as classes sociais. A partir da questão do nascimento do artista como figura autônoma, o autor reflete sobre as mudanças sociais de toda uma época, sobre os conflitos entre padrões da classe em decadência (nobreza) e da classe em ascensão (burguesia): “A vida de Mozart ilustra nitidamente a situação de grupos burgueses *outsiders* numa economia dominada pela aristocracia de corte” (ibidem, p.16). Elias ensinou muito como fazer pesquisa, considerando a ambivalência dessas dimensões, envolvendo o geral e o particular.

No desenrolar das pesquisas de dissertação e de tese, estiveram constantemente presentes a preocupação com a objetividade do fazer científico e, igualmente, os questionamentos do pressuposto da neutralidade. Nesse ponto, observa-se que, se valores e visões de mundo cegam e perturbam, também iluminam e contribuem para o avanço do conhecimento científico (Löwy, 1989, p.17). A Ciência define-se pela tentativa de conhecimento da verdade, e é esta a orientação dos/as pesquisadores/as honestos/as. Porém a verdade absoluta jamais será conhecida, porque todo conhecimento é uma aproximação: “quando digo Ciência, eu não estou dizendo verdade, estou simplesmente dizendo processo: a Ciência é um processo de produção do conhecimento da verdade” (ibidem, p.110). Talvez, a diferença esteja entre admitir a presença dos valores sociais e, a partir daí, tentar explicitá-los, e não admitir e deixar que fiquem às escondidas.

A motivação para os temas da dissertação e da tese foi acadêmica e, em grande medida, social: quem sabe, tais conhecimentos poderiam servir/auxiliar na construção de um outro mundo? Para muitos/as estudantes, pesquisadores/as e professores/as de Sociologia, vale a reflexão de Braga e Burawoy (2009, p.65): “Esta é a razão pela qual se tornaram sociólogos – não para fazer dinheiro, mas para construir um mundo melhor”.

As pesquisas de dissertação (de título *Reestruturação produtiva: mudanças e permanências no mundo do trabalho e empresarial da indústria conserveira na região de Pelotas – Rio Grande do Sul*) e de tese (de título *Processos de resistência e novos desenhos*

*identitários: o ofício do mecânico e a racionalização da indústria da reparação automotiva*) foram um híbrido das bagagens social, teórica e epistemológica da pesquisadora. O resultado foi a compreensão de determinados fenômenos, contribuindo para que as experiências vividas pelos/as interlocutores/as se tornassem menos ofuscadas, quando comparadas às do ponto de partida de ambos os estudos.

## **Das pesquisas de dissertação e de tese**

As pesquisas nas Ciências Sociais começam a partir de estranhamentos e de dúvidas sobre determinado contexto social. No caso da dissertação, tratava-se de indagar como haviam se dado as mudanças no mundo do trabalho no setor de conservas de frutas e de hortaliças pelotense, sobretudo a partir dos anos 1990. O segmento conserveiro da região de Pelotas, no sul do Rio Grande do Sul, surgiu em fins do século XIX e se consolidou na década de 1970, quando grandes empresas se instalaram no local. Até então, o ramo era composto basicamente por pequenos empreendimentos artesanais e, a partir de então, iniciou-se a construção do Distrito Industrial, com a instalação de grandes indústrias, que fizeram da região a maior produtora de compotas de pêssego do Brasil. A fabricação de doces e de conservas de frutas e de legumes se tornou a principal atividade econômica de Pelotas e dos municípios vizinhos, até fins dos anos 1980. Todavia, aquela década presenciou o fechamento de muitas dessas fábricas e, em 1990, as empresas que permaneceram se reestruturaram, concentraram os faturamentos e ampliaram a produtividade. O fechamento de algumas empresas representou um intenso desemprego na região, por terem sido a principal atividade econômica local. Nesse sentido, a pesquisa buscou compreender sobretudo os impactos dessas mudanças no mundo do trabalho.

A partir do estudo realizado, observaram-se intensificações na precariedade laboral, na assimetria de poder e na fragilização da posição de trabalhadores e de sindicatos do ramo. Por outro lado, as formas de sociabilidade e as diversas práticas de contestação reveladas na pesquisa indicavam que era preciso compreender as dinâmicas de conflitos e a contestação que se constituíam.

As empresas do setor conserveiro caracterizam-se por alguns aspectos: força de trabalho predominantemente feminina; inserção no ramo da alimentação; forte vinculação à produção agrícola; e sazonalidade para boa parte delas, que atua apenas na safra do pêssego (de novembro ao início de março). A cadeia produtiva das conservas inclui produtores rurais, industriais, trabalhadores fabris e várias instituições públicas e privadas que, desde a década de 1970, desenvolvem políticas e fomentam atividades no ramo.

O contexto geral dessa pesquisa, que ocorreu a partir de 2006, envolvia um momento de afirmação dos processos de acumulação flexível e das reformas neoliberais, sendo marcado por: ampliação da competição global; inovações tecnológicas substitutivas de trabalho; contratos atípicos; terceirizações; entre outros. O segmento conserveiro parecia reunir praticamente todos os aspectos que desafiavam a Sociologia do Trabalho naquele momento.



A força de trabalho do setor tinha o seguinte perfil: mulheres, moradoras de periferia, com baixos salários, contratos de safra (parciais e temporários), altas jornadas, bancos de horas, insalubridade, estreitos intervalos para alimentação, ritmos laborais extenuantes, assédios morais e sexuais, despotismos das chefias, informalidade e/ou formalidade precária, do ponto de vista dos salários e dos direitos. Tratava-se de um perfil e de uma organização laboral que poderiam se definir como marcados por precariedades e por flexibilidades estruturantes e constitutivas.

O sindicato da categoria, apesar do contexto desfavorável ao trabalho (desconstrução de direitos e hegemonia neoliberal) e à ação coletiva, guardava uma memória de combatividade, marcada por greves e por tentativas de negociação coletiva, que, em termos de ativismo político, compõe o repertório de lutas do movimento sindical.

Apesar da precariedade constitutiva do segmento, impressionavam as rebeldias, frente às arbitrariedades da gestão, e as estratégias de sobrevivência e de resistência no trabalho e fora dele. Tais rebeldias revelavam os conflitos de classe presentes nesses espaços, ocorrendo o mesmo em relação às sociabilidades, quando se observaram amizades, romances, apoios a colegas, reciprocidades e moralidades de uma solidariedade de classe, frente aos desafios e às “experiências comuns” (Thompson, 1998) compartilhadas no trabalho e na vida como um todo.

Um dos aspectos mais decisivos do estudo foi compreender processos, ambiguidades, articulações e heterogeneidades, envolvendo o cálculo capitalista, que, no setor, foi hábil em articular moderno e arcaico – quer dizer, em fazer as práticas produtivas inovadoras conviverem com formas arcaicas de exploração da força de trabalho, marcas de uma cultura empresarial retrógrada e basicamente sem preocupação com responsabilidade social, quando o negócio se impõe radicalmente sobre o trabalho. O fio condutor do estudo esteve relacionado ao fato de o ritmo das transformações produtivas, em termos tecnológicos, não ter sido acompanhado por alterações significativas (no sentido de benefícios) nas condições e nas formas de relação de trabalho. Nesse sentido, simultaneamente às mudanças e às permanências na estrutura empresarial, foram observadas intensificação das históricas precariedades nas condições e nas relações de trabalho agravadas pelo desemprego.

Alguns anos depois, a pesquisa de tese teve, como questões centrais, a análise dos processos de racionalização da empresa e do trabalho e as formas de recusa a eles, a partir das práticas de resistência de uma categoria de ofício. O objetivo da tese foi entender os impactos da reestruturação da indústria da reparação automotiva nos saberes dos trabalhadores, nas identidades laborais, na organização do trabalho e na gestão de negócios, a partir dos anos 1990. Um dos argumentos desenvolvidos foi de que os projetos “reformadores”, que visavam a impor a ideologia do empreendedorismo ao setor, eram contestados pelas experiências concretas dos sujeitos. Não raro, os trabalhadores, mesmo quando abriam o próprio negócio, eram mais motivados pela busca de autonomia do que pela expectativa quanto a serem empreendedores. Contudo, as novas tecnologias automotivas, vinculadas à incorporação da microeletrônica aos automóveis, e a atualização dos instrumentos de trabalho atraíram atores mais escolarizados e/ou munidos de ideias empresariais para o setor, inaugurando novas hierarquias, associadas à capacidade de

adaptação às “modernidades”. A tese discorreu sobre os dramas e as oportunidades trazidas pelas mudanças, no que diz respeito às trajetórias e à coexistência entre velhos e novos desenhos identitários. A oficina foi analisada como espaço de sociabilidades variadas, em que operavam racionalidades diversas, bem como local de relações econômicas mediadas por uma série de acordos sociais.

Com base no caso de Porto Alegre (RS), abordaram-se os processos de racionalização da indústria da reparação automotiva e seus impactos nas identidades dos trabalhadores, a partir de exigências por reformas, que surgem de diferentes pontos da cadeia automotiva (montadoras, fábricas de autopeças, escolas profissionalizantes, entidades representativas e outros) e do interior do próprio segmento.

Frente a um ofício tipicamente posicionado de forma subalterna na hierarquia da divisão social do trabalho e que lida com os estigmas do trabalho manual e da desconfiança – ao mesmo tempo em que possui uma aura de atividade ocupada por quem tem um conhecimento particular acerca de tecnologias automotivas –, o estudo buscou entender de que forma os profissionais interagem com as transformações.

Na cadeia automotiva, a esfera dos serviços, na qual se localizam as oficinas e os mecânicos de automóveis, tem sido, desde o início desta indústria, o eixo mais resistente aos processos de racionalização. As inúmeras e nunca muito bem-sucedidas medidas racionalizadoras, desde os tempos de Henry Ford, propõem-se a resolver o que o industrial chamava de o “problema do serviço” (McIntyre, 1995), tentando, com tal finalidade, implementar nas oficinas os métodos fordistas presentes nas fábricas. Contudo tal adaptação se mostrou limitada, devido às especificidades dos serviços, ou seja, a pulverização dos estabelecimentos, as dificuldades de padronizar e de rotinizar procedimentos, o fato de o ramo concentrar grandes números de trabalhadores autônomos e de pequenas empresas e, sobretudo, o “estilo do ofício” do mecânico. O “estilo do ofício” traz particularidades para o “chão da oficina”, que decorrem de uma sociabilidade peculiar, na qual os homens aprendem uma “cultura técnica” e, junto a esta, uma forma de ser trabalhador, que se mostra resistente aos preceitos da eficiência e da produtividade fabril.

Na perspectiva das narrativas dos nossos interlocutores, ser mecânico é mais do que dominar saberes e habilidades técnicas; envolve atributos relacionados a comportamentos e a representações sociais, isto é, diz respeito a um “estilo” associado ao “chão da oficina”. Esses modos de ser e de trabalhar, entre outros aspectos, impõem-se aos traçados da racionalização e aos “usos” que os atores fazem dessas determinações.

O programa de reestruturação do segmento passa pela construção ideológica de estereótipos, que advogam as existências de uma “oficina moderna” (“oficina-empresa”) e de um “mecânico profissional”, em oposição a uma “oficina tradicional” (“oficina-casa”) e a um “mecânico amador”. A construção de tais polaridades tem, como finalidade, desclassificar, em termos técnicos e sociais, alguns dos sujeitos (os supostamente diletantes e arcaicos) que atuam no ramo, minando suas reputações e suas posições no mercado da reparação.

## **Dos métodos e das técnicas das pesquisas de dissertação e de tese**

A pesquisa requer o esforço de converter dados dispersos em uma representação analítica. É a reconstrução dos fenômenos observados, submetidos a métodos, a técnicas e a referências teóricas da investigação, que permite a generalização interpretativa sociológica. Com base em critérios de objetividade e em uma atitude reflexiva, procurou-se mostrar as fontes e relatar sobre a busca de dados, apresentando os procedimentos o mais nitidamente possível, para evidenciar a perspectiva da investigação. As amostras – tanto na dissertação, quanto na tese – basearam-se em uma representatividade qualitativa.

Foram utilizadas, como fontes primárias da dissertação, entrevistas narrativas e histórias orais e de vida; e, como fontes secundárias, pesquisas documentais: jornais, laudos, documentos governamentais, livros de denúncias do sindicato, materiais de propaganda de fábricas, atas de audiências públicas, palestras, arquivos do sindicato patronal, observação direta em sindicatos e em fábricas, além de materiais e dados obtidos junto a informantes. Com base na documentação e em entrevistas, a investigação procurou abordar os elos mais significativos da cadeia de conservas da região sul do Rio Grande do Sul: trabalhadores/as industriais e instituições relevantes. Destacou-se que tanto os documentos quanto as entrevistas indicavam uma disputa, em torno das memórias sobre as formas de contar e de entender os eventos passados e contemporâneos.

Compartilhando algumas técnicas semelhantes, a pesquisa de tese foi herdeira dos aprendizados adquiridos no percurso formativo em Ciências Sociais, especialmente no período do mestrado. Questionários, entrevistas estruturadas, entrevistas narrativas, observações diretas, dados estatísticos, fotografias e investigações em documentos foram suas principais fontes de dados. Em 2012, enquanto pesquisadora visitante na *Duke University*, foi possível acessar dados e a vasta bibliografia estadunidense sobre a indústria da reparação, o que veio a contribuir com os desdobramentos da pesquisa.

No percurso do estudo, as opções metodológicas estiveram permeadas de um esforço em transformar fatos e discursos da vida real em problema de investigação sociológica. O diário de campo é repleto de notas sobre estratégias voltadas a entender a linguagem do “campo da oficina” – as características dos automóveis, as técnicas de reparo, o funcionamento da injeção eletrônica, os nomes das peças, das ferramentas e dos maquinários das oficinas –, objetivando conhecer os artefatos que constituem a linguagem destes homens, que, na maioria das vezes, trabalham em sincronia com as ferramentas, que mais parecem partes ou extensões de seus corpos. Todo campo investigativo exige uma inserção do/a pesquisador/a, no sentido de dominar os signos, as linguagens e os objetos que compõem o universo estudado. No caso dos mecânicos, isso se tornou ainda mais necessário, pois suas próprias formas de falar sobre as vidas fora da oficina tinham a mecânica e os carros como metáforas de referência. Dado que a sociabilidade em torno do automóvel é um assunto para homens, a pesquisadora não tinha a espécie de “conhecimento espontâneo” (Figliuzzi, 2008) que se espera dos homens sobre carros, logo foi preciso dedicar muitas horas a essa construção.

Um aspecto acerca da pesquisa em um espaço tão masculino, como o da oficina, é o de que, no ir e vir da pesquisa de campo, a condição de gênero foi incluída na reflexão metodológica, assim os estigmas e a fama envolvendo a sexualidade dos mecânicos – um senso comum preconceituoso – levaram muitos interlocutores a alertar de que era preciso “tomar cuidado” com possíveis assédios. É verdade que, durante a pesquisa, houve constrangimentos com piadas de conteúdo sexual, situações de dificuldade em interromper diálogos e de ficar até tarde em uma oficina fechada ou, ainda, lidar com momentos nos quais, em vez de esperar para a entrevista, o sujeito esperava para um churrasco organizado com outros cinco homens colegas de trabalho, por exemplo, além de outras situações como essa, nas quais não cabiam ingenuidades. A decisão era a de que a pesquisa precisava ser feita e, para isso, devidos cuidados precisavam ser tomados.

No propósito da tese, havia inclinações a realizar descrições e a compreender significados abstratos, a fim de “tornar o (quase sempre estranho) comportamento de um modo de vida diferente humanamente compreensível” (Clifford, 2008, p.62). Para isso, as dúvidas, os estranhamentos, as intuições e a imaginação sociológica precisavam ser colocadas no prumo, para que uma pesquisa se tornasse possível; era preciso construir vínculos, investir tempo e estabelecer relações de confiança com esses/as interlocutores/as. Eis a razão pela qual a produção de conhecimentos em Ciências Sociais é baseada em metodologias, quer dizer, em um entendimento crítico dos caminhos que envolvem o processo científico.

### **Reflexões metodológicas**

Tanto a partir das pesquisas da dissertação, quanto da tese, havia interesse em constituir um grau de generalidade, com base nos casos estudados, mas prevaleceram as preocupações com a profundidade e com o entendimento de que os resultados seriam parciais.

Em geral, os métodos qualitativos acabam contendo um tanto de artesanato. De que maneira começar pesquisas como essas? De que modo buscar interlocutores que permitissem dar início ao percurso? Nesse ponto, deve-se destacar as importâncias das aulas e das leituras de métodos e de técnicas, a atenção ao modo como outros pesquisadores fazem suas pesquisas, o conhecimento das tradições metodológicas da disciplina – a colocação na condição de aprendiz, para usar uma expressão de Fernandes (1994) –, exercendo as humildades constitutivas e necessárias às Ciências Sociais, que nos impõem o imperativo de aprender uns com os outros.

No percurso das pesquisas de dissertação e de tese, o procedimento bola de neve (*Snowball*, ou amostragem via bola de neve/amostragem por cadeia de referência), técnica de amostragem que utiliza cadeias de referências para recrutamentos, colocou-se como recurso decisivo. Nela, os participantes iniciais (que têm as características desejadas, ou informantes-chave) indicam novos participantes (de seus relacionamentos ou conhecimentos), até que seja atingido o “ponto de saturação”. A lógica se dá via indicação,

pela própria comunidade (dos atores que irão fazer parte da pesquisa), sendo muitas vezes mais fácil, para um membro da população, conhecer outros – elos iniciais de referência – do que o pesquisador os identificar (Biernacki; Waldorf, 1981).

No geral, as orientações da dissertação e da tese ocorreram no sentido da lógica da triangulação, que permitiu articular algumas técnicas de pesquisa, obtendo diferentes tipos de evidências sobre a mesma questão, trazendo mais segurança para ambos os estudos. Na pesquisa de campo, a partir das diversidades de dados e de situações coletadas, busca-se compreender determinados padrões, generalidades – “descobrir uniformidades” (Whyte, 2005, p.359) –, para entender as outras pessoas e para compreender o que as leva a agir.

Em ambos os estudos realizados, lançou-se mão do uso de fotografia e de outros materiais visuais como fonte em si e como recurso para as entrevistas e para a ativação da memória. Tanto as pesquisas da dissertação, quanto as da tese, tiveram profundos interesses pelas memórias, pelas trajetórias e pelas narrativas, posto que estas permitem observar os pontos de vista do outro. Tem-se, assim, a incorporação de metodologias que possibilitam diálogos e proximidades entre Sociologia, História, Sociologia Política e Antropologia, principais bases de formação e percursos da pesquisadora.

A pesquisa da dissertação queria conhecer os passados da cidade e do setor conserveiro de Pelotas, e a pesquisa do doutorado, o passado do segmento dos serviços automotivos. Buscava-se compreender as histórias, em ambos os casos, sobretudo a partir dos pontos de vista dos/as trabalhadores/as, por isso foi preciso conhecer suas memórias, recorrendo a recursos da história oral, para pensar esses passados coletivos. Visou-se a capturar relatos, lembranças, opiniões, entre outros elementos, compreendendo a “memória como fator dinâmico na interação entre passado e presente” (Haguette, 2013, p.88). Com base no depoimento pessoal, que socializa memórias, buscou-se mais diretamente os “comos” (não os porquês), os quais permitem que se conte histórias (Becker, 2007).

Ao explorar relatos de trabalhadores/as, tanto no caso das mulheres que trabalhavam no setor de conservas quanto no dos homens que atuavam nas oficinas, procurou-se compreender, por meio dos depoimentos, “o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (Minayo, 1992, p.22).

Num campo de pesquisa no qual “os de baixo” (os subalternos) são os interlocutores privilegiados, as memórias colocam-se como vestígios de captura dos passados, de histórias de opressões e de resistências. No geral, essas pessoas se surpreendem – positivamente, parece – com o fato de serem convidadas a narrar sobre seus passados. De alguma forma, todos/as sabem que acessar e portar a palavra, o direito de expressar pontos de vista, costuma ser algo de domínio das elites, dos poderosos, mas de repente chega a Sociologia para inverter os pontos de vista ao modo dos historiadores, “escovar a História a contrapelo” (Benjamin, 1985, p.225), colocar-se a ouvir e a estimular a narrativa, sendo este, talvez, um dos maiores recursos dos despossuídos. Por meio das narrativas, expressam-se formas de ensinamentos, dicas, conselhos, sabedorias e saídas da invisibilidade. De certa maneira, a surpresa de ser chamado a ser ouvido (assim como a desconfiança que isso gera) está ancorada no fato de que

[...] a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (Le Goff, 1996, p.426).

Durante ambas as pesquisas, instituições, trabalhadores, empresários e sindicatos patronais e de trabalhadores foram ouvidos, e seus relatos e ênfases são distintos. Não somente em termos de ponto de vista, mas no que se seleciona para narrar. A memória cria e não apenas repete; ela evita alguns esquecimentos e produz outros; é central nas identidades: “a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção” (Le Goff, 1996, p.475). Por isso é que se diz que “a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder... luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória” (ibidem, p.476). Nesse ponto, coloca-se um *per se* da atividade científica na vida social: “Cabe, com efeito, aos profissionais científicos da memória, antropólogos, historiadores, sociólogos, fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica” (ibidem, p.477). Ademais, sabe-se que: “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (ibidem, p.477).

Contar envolve reconstrução do passado, comunicando experiências e memórias comuns. Mas nem tudo é lembrado:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesanato – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (Benjamin, 1985, p.205).

O narrador fica presente no narrado. Quando os mecânicos, por exemplo, falavam sobre o passado do ofício, sobre as antigas metodologias de transmissão dos conhecimentos, falavam de um tempo no qual imperava outro modo de vida. Se a oficina era junto da casa, o fazer artesanal levava a um tempo e a um ritmo que remetiam a outra ordem laboral.

Nas narrativas, vão se expressando percepções, perspectivas, versões (concorrentes), interpretações, maneiras de pensar sobre a vida, relatos que são testemunhos e que remetem à “jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um” (Ginzburg, 2006, p.20). A narrativa implica um modo de pensamento e uma estrutura, pois narrar também é procurar entender a condição humana, posto que tanto se conta quanto se avalia uma sequência de eventos. Tal processo também é constitutivo de identidades, dessa maneira as pessoas comuns extraem sentido das suas experiências, buscam motivos e expressam esquemas normativos. No caso do ofício dos mecânicos, não raro a narrativa



precisou ser “demonstrada”, lançando mão de suportes materiais (ferramentas, peças automotivas, quadros na parede etc.), explicando as coisas, “não em palavras, entender fazendo algo, em vez de simplesmente falar” (Bruner, 2001, p.145). Isso porque, imersos na nossa cultura, “sabemos fazer as coisas muito antes de conseguirmos explicar conceitualmente o que estamos fazendo, ou, normativamente, por que deveríamos estar fazendo-as” (ibidem, p.146).

A memória lança mão dos testemunhos, os quais, mesmo não sendo reflexos da realidade, dela partem, como indicara Duby (1987), tratando sobre o marechal Guilherme, da Idade Média. Através da biografia de Guilherme, vê-se uma época, em que o princípio de uma ordem burguesa começa a conflitar com os valores feudais. Duby traz uma reflexão semelhante às de Ginzburg (2006) sobre o moleiro Menocchio e, também, de Amado (1995), tratando da narrativa proposta por Fernandes acerca da revolta do Formoso, ao pontuar a diferença entre vivido e recordado, entre experiência e memória. O vivido tem a ver com concretude, enquanto a memória tem natureza diferente. Apesar de a prática se constituir no substrato da memória, esta seleciona e reelabora a experiência.

Conforme Amado (1995), a memória transita entre os tempos, traz o passado ao presente e projeta o futuro, articula vivências grupais e individuais. História e memória são diferentes, mas interdependentes, trazendo a narrativa, em maior ou menor grau, uma dose de imaginação/fabulação, uma vez que “existem associações entre real e simbólico, história e memória, memória e imaginação, tradição e invenção, ficção e história” (ibidem, p.135).

A memória inclui a evocação e a recriação do passado; é uma articulação entre passado e presente, que seleciona e que classifica os acontecimentos; é uma forma de conhecimento que possibilita compreender o que somos (a nossa identidade), envolvendo versões, percepções, reflexões, motivos e sentimentos, os quais ora indicam particularidades e heterogeneidades dos percursos, ora ecoam semelhanças coletivas de vidas e percursos comuns em contextos sociais compartilhados. Os relatos não são reflexos, mas expressões de significados e de representações.

Tanto na pesquisa de mestrado, quanto na de doutorado, a atenção às narrativas – baseadas em entrevistas narrativas – foi o elemento decisivo para acessar essas memórias/testemunhos. Ambas as pesquisas também recorreram a fontes documentais, a jornais, a imagens, a relatórios e a outros monumentos do passado, mas a memória vinculada à oralidade foi decisiva, em comparação aos documentos, seja em relação ao passado, seja quanto aos aspectos mais recentes do presente. O documento é tagarela, mas surdo, como indicara Cellard (2014), e se faz sempre fundamental indagar as circunstâncias da sua produção, entender seus termos, observar sua credibilidade, seu contexto, seus autores, sua tipologia, entre outros aspectos, para estabelecer um *corpus* com uma seleção satisfatória: “os pesquisadores mais aguerridos sabem que os documentos mais reveladores se escondem, às vezes, em locais insuspeitos” (ibidem, p.298). A partir do *corpus* documental, torna-se decisivo codificar, verificar regularidades, fazer inferências para além da superfície do texto, quer dizer, observar aspectos latentes, que estão além do conteúdo manifesto (Triviños, 2009). A análise documental é importante para definir os tópicos a serem estabelecidos na entrevista narrativa, inclusive.

As entrevistas colocam-se como recurso-chave na Sociologia. Para as finalidades das pesquisas aqui enfocadas, a entrevista foi compreendida como ponto decisivo, desde o início; ela foi a principal forma de ativar memória, bem como foi central para refletir sobre a seleção do *corpus* documental.

Como indica Bourdieu (2011a), na entrevista, vem à tona o caráter de relação social da pesquisa, o qual faz que seja decisivo refletir sobre os elos de poder, que se estabelecem no contexto de relações de forças distintas, e sobre o risco da objetivação do outro, isto é, a redução das razões apresentadas pelo outro, incluindo suas explicações, suas justificativas e seus pontos de vista. A entrevista, ao contrário, quando assume uma postura democrática, coloca-se

[...] como uma forma de exercício espiritual, visando a obter, pelo esquecimento de si, uma verdadeira conversão do olhar que lançamos sobre os outros nas circunstâncias comuns da vida. A disposição acolhedora que inclina a fazer seus os problemas do pesquisado, a aptidão a aceitá-lo e a compreendê-lo tal como ele é, na sua necessidade singular, é uma espécie de amor intelectual. (Bourdieu, 2011a, p.704).

Quando se busca compreender o que é dito, sabe-se que as coisas têm uma aparência muitas vezes banal para quem não sabe ver e ler. O relato que emerge das entrevistas permite observar tanto as estruturas sociais quanto as singularidades das pessoas.

No caso das entrevistas narrativas, observa-se que, “Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social” (Jovchelovitch; Bauer, 2002, p.91). Os acontecimentos recebem uma espécie de tradução, sendo avaliados, reconstruídos e indexados, quer dizer, a referência é feita a acontecimentos concretos em um lugar e em um tempo (*ibidem*, p.91). Trata-se da elaboração de um “enredo” (dimensão não precisamente cronológica), no qual se tenta ligar os acontecimentos, produzindo sentido, selecionando, ordenando, dando coerência e marcando começo e fim. A entrevista narrativa busca encorajar o informante a contar as histórias relevantes de sua vida e do contexto social, compreendendo que “As narrativas não copiam a realidade do mundo fora delas: elas propõem representações/interpretações particulares do mundo”, que ocorrem com base em todo um sistema de referências – a “materialidade de um mundo de histórias” (*ibidem*, p.110).

A entrevista narrativa atribui um grande valor às interpretações que as pessoas dão a sua própria experiência. Para compreender os relatos, faz-se necessário um grande entendimento da vida de outras pessoas; do processo social subjacente (Becker, 1993). Aquele que recorda também individualiza a matéria lembrada e lapidada, que é tecida: “experiências, hábitos, afetos, convenções vão trabalhar a matéria da memória” (Bosi, 1999, p.419). A apreensão do tempo social é diferente para cada pessoa: “Por muito que deva a memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum” (*ibidem*, p.411).

Nas entrevistas realizadas nas pesquisas da dissertação e da tese, foi fundamental considerar os sistemas de referência das pessoas, como uma estratégia para evitar que as pessoas respondessem de modo estereotipado, atentando às dinâmicas da presença e da ausência, às ênfases e aos esquecimentos, ao processo de produção de si, que compreende os relatos e as versões competitivas acerca do mundo.

As entrevistas também se articularam à técnica de história de vida, recurso técnico utilizado na pesquisa de dissertação: “A história de vida se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo... [busca] captar algo que ultrapassa o caráter individual do que é transmitido e que se insere nas coletividades a que o narrador pertence” (Queiroz, 1988, p.20). A utilização da história de vida não implica buscar um depoimento como “estabelecimento de verdade”: “O crédito a respeito... [se dá] pelo cotejo de seu relato com dados oriundos de várias fontes, que mostrará sua convergência ou não” (ibidem, p.21). A história de vida organiza os acontecimentos sociais e realiza um trabalho de gestão da memória; nesse “trabalho de reconstrução de si mesmo, o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros” (Pollak, 1989, p.13). É este, em grande parte, o entendimento expresso por Ginzburg (2006, p.20-21): “da cultura do próprio tempo e da classe não se sai a não ser para entrar no delírio e na ausência de comunicação. Assim como a língua, a cultura oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes – uma jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um”.

A Sociologia parte da indissociabilidade entre individual e social. Nos encontros proporcionados pelas entrevistas, nos decursos da dissertação e da tese, as dimensões emocionais e sensoriais fizeram-se latentes. A expressão corporal, que fala mesmo em situações de silêncio verbal, envolveu a pesquisadora e os seus interlocutores numa atmosfera sensível, durante os tempos das pesquisas. Os choros e os risos que, não raro, acompanharam os relatos foram compartilhados em diferentes momentos destes estudos; eles compõem as páginas finais dos textos.

### **Considerações finais**

Pesquisas acadêmicas envolvem subjetividade, emoções, dificuldades e inúmeros embaraços. Trata-se de aprendizagens constantes, que incluem aprender com a sensibilidade e com a capacidade cognitiva dos/as interlocutores, bem como com parte da formação pregressa – ou seja, com professores/as, com pesquisadores/as, com disciplinas, com literaturas e com diferentes espaços acadêmicos (eventos, congressos etc.). E envolve erros e acertos, resultando, em grande medida, das socializações acadêmica e social da pesquisadora.

Aprender o modo de estudar, junto ao outro, a importância de conhecer suas interpretações, a necessidade de dialogar, sem a ilusão de se tornar igual ao outro, são preocupações da qual tratou Foote Whyte (2005), ao refletir sobre o momento no qual os “rapazes da esquina” avisaram que ele não precisava copiar suas linguagem e comportamento, para não gerar uma situação artificial.

Simpatias, vínculos, frustrações, decepções e antipatias somam-se ao percurso de uma pesquisa. No caso dos estudos da dissertação e da tese – respectivamente, Pelotas e o povo da ilha da magia (UFSC/Florianópolis), Porto Alegre e o povo carioca (UFRJ/Rio de Janeiro) e Estados Unidos e o povo estadunidense (Duke/Durham) –, esses percursos, essas pessoas (as boas e as nem tão boas assim) marcam o olhar da pesquisadora sobre aquilo que viu e sobre aquilo que infelizmente não conseguiu perceber; silêncios que, justo por isso, não foram possíveis de nomear. Nas pesquisas, vozes e silêncios estão presentes, de modos intencional e/ou incontornável.

O percurso de uma pesquisa passa por duros atos, que incluem decidir tema e objeto, conhecer o estado da arte, vasculhar bibliotecas, buscar conectar teoria e experiência, conversar com pares, cercar o objeto em todos os aspectos possíveis, entre outros, e o contexto de produção de uma pesquisa contém muitas etapas, dúvidas, decisões, apostas, desistências, frustrações, inseguranças e momentos de solidão. Por mais coletivo que seja o empreendimento científico, por mais decisivo que sejam os/as orientadores/as, a rotina de leitura (e a dúvida de “até onde ler?”), os fichamentos (“devo fichar tudo?”), estar à frente de documentações extensas (e a sensação de “não sei por onde começo”), a definição de quais período, espaço e escopo devem ser mapeados, as anotações, a rotina de organização da pesquisa e a escrita acadêmica levam a momentos de solidão. A distância entre o plano, a execução e os resultados de uma pesquisa demonstram que o planejamento é tão necessário quanto o fazer é flexível. Mas é para isso que existem os planejamentos; quer dizer, não para serem uma jaula, mas para auxiliarem nas previsões aproximadas do porvir.

Os processos cognitivos e as escritas acadêmicas nas Ciências Sociais trazem angústias e um “certo *blues*”, mas também trazem a esperança e o entusiasmo de espiar o futuro, a tentativa de tornar vidas complexas e invisibilizadas – sobretudo no caso dos “de baixo” – mais compreensíveis. Não é possível conhecer todas as dimensões de um objeto, assim realizamos um “recorte”, porque a pesquisa é uma construção coletiva. Sabemos que muito vai ficar faltando, pois os prazos acabam, mas a pesquisa não acaba, totalmente; ela é encerrada, sabendo-se que faltaram aspectos a serem estudados. Nem tudo é atingível numa pesquisa, mas se segue buscando. Como nos lembra Mario Quintana no poema *Das utopias*, “Se as coisas são inatingíveis... ora! Não é motivo para não querê-las...”.

## Referências

- AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. *História*, São Paulo, v. 14, p.125-136, 1995.
- BECKER, Howard. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BECKER, Howard. *Segredos e truques da pesquisa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras escolhidas, v. 1)
- BIERNACKI, Patrick.; WALDORF, Dan. Snowball sampling: Problems and techniques of chain referral sampling. *Sociological methods & research*, v. 10, n. 2, nov. 1981.

- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. A causa da ciência: como a história social das ciências sociais pode servir ao progresso das ciências. *Política & Sociedade*, n. 1, set. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/4937/4295>. Acesso em: 19 abr. 2024.
- BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2011a.
- BOURDIEU, Pierre. *Homo academicus*. Florianópolis: UFSC, 2011b.
- BRAGA, Ruy.; BURAWOY, Michael. *Por uma Sociologia pública*. São Paulo: Alameda, 2009.
- BRUNER, Jerome. *A cultura da Educação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. p.295-316.
- CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008.
- DUBY, George. *Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro: Graal, 1987.
- ELIAS, Norbert. *Mozart: Sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FERNANDES, Florestan. Ciências Sociais: na ótica do intelectual militante. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 22, set./dez. 1994.
- FIGLIUZZI, Adriza. Homens sobre rodas: representações de masculinidades nas páginas da revista Quadro Rodas. 2008. *Dissertação* (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- HAGUETTE, Teresa. *Metodologias qualitativas na Sociologia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. Entrevista narrativa. In: BAUER, M.; GASKELL, G. (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p.90-136.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. São Paulo: Unicamp, 1996.
- LÖWY, Michael. *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez, 1989.
- McINTYRE, Stephen. *The repair man will gyp you: Mechanics, managers, and customers in the automobile repair industry, 1896-1940*. Columbia: University of Missouri-Columbia, 1995.
- MILLS, Wright. Do artesanato intelectual. In: MILLS, C. W. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. p.211-243.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Abrasco; São Paulo: Hucitec, 1992.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- QUEIROZ, Maria Isaura. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: VON, O. (Org.). *Experimentos com história de vida*. São Paulo: Vértica, 1988. p.14-43.

- SAFFIOTTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TRIVIÑOS, Augusto. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 2009.
- WHYTE, William F. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

*Recebido em: 05-07-2025*  
*Modificado em: 19-10-2025*  
*Aceito em: 20-11-2025*

*Laura Senna Ferreira*

Professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM/RS.